

ANOTAÇÕES EM TORNO DE UMA CORRESPONDÊNCIA: DEBRET E PORTO ALEGRE

Valéria Alves Esteves Lima
Curso de História - UNIMEP

A divisão de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui um conjunto de onze cartas enviadas por Jean-Baptiste Debret a Manoel de Araújo Porto Alegre, entre 1837 e 1844. Como é próprio do gênero epistolar, destas cartas emergem temas e observações diversos, onde ora nos deparamos com assuntos profissionais e acadêmicos, ora com questões de natureza pessoal e particular, ora com manifestações de emoções compreensíveis se considerarmos o profundo elo que unia os missivistas. A história desta correspondência começa, portanto, com a história da vinda de Debret para o Brasil. Ao iniciar sua trajetória no recém instituído Reino do Brasil, o pintor francês inaugurava uma fase de sua carreira artística cujos desdobramentos ecoariam profundamente na constituição da cultura visual do Brasil oitocentista. Envolvendo-se com trabalhos para a Corte bragantina, com a política imperial e com o ensino artístico no país, sem nunca romper seus vínculos com o campo artístico e institucional francês, Debret manteve unidos os dois cenários de seu exercício profissional: Brasil e França, Academia Imperial das Belas Artes do Rio de Janeiro e *Académie des Beaux Arts* do *Institut de France*, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e *Institut Historique de Paris*. Assumiu para si uma responsabilidade que ia muito além de introduzir no país o ensino das belas-artes, dever a que se vinculava o grupo de artistas e artífices desembarcados no porto da cidade do Rio de Janeiro em março de 1816, do qual fazia parte como Pintor de História. Lentamente, ao longo dos 15 anos em que permaneceu na cidade, Debret apropriou-se da realidade à sua volta, inseriu-se nos meios políticos e intelectuais da Corte, dialogou com artistas e intelectuais nacionais e estrangeiros, participou ativamente dos debates e embates em torno da fundação de uma instituição de ensino artístico no país e, sobretudo, enxergou a urgência de construir um lugar para o Brasil entre as nações civilizadas. Esta, certamente, foi a tarefa que lhe rendeu o posto que viria ocupar em nossa memória artística e cultural e apóia-se na plena convicção de que o contato com a França, estabelecido particularmente pela *expédition artistique de 1816*, inaugurara uma trajetória irreversível de evolução e progresso no país. A fim de garantir a continuidade este resultado, era preciso zelar pelo cultivo e manutenção dos valores e qualidades impressos na cultura e nas artes brasileiras pela ação dos mestres franceses e de seus parceiros – intelectuais,

políticos, alunos e ex-alunos da instituição por eles idealizada e criada em 1826. Ilumina-se, assim, a razão pela qual Debret, mesmo depois de deixar o Brasil, envolvido em problemas pessoais e profissionais e, vale dizer, já em final de carreira, manifeste nesta correspondência um interesse tão vivo no sentido de preservar os elos que uniam as artes no Brasil e na França, seja através da nomeação de Porto Alegre como membro correspondente do *Institut de France*, seja garantindo a continuidade de seus projetos e convicções artísticas na Academia e na Corte brasileiras, intenção cujo sucesso parecia estar nas mãos do mesmo Porto Alegre, seu discípulo preferido.

Vale, assim, acompanhar a trajetória do outro missivista: Manoel de Araújo Porto Alegre ingressou na Academia Imperial das Belas Artes em 1827, um ano depois de sua abertura oficial. Como bem destaca Letícia Squeff¹, no Rio de Janeiro, o jovem gaúcho construiu uma sólida rede de conhecimentos, que incluía políticos, intelectuais, artistas e literatos. Dentre estes, destacamos duas personagens muito citadas na correspondência enviada por Debret - o poeta romântico Domingos José Gonçalves de Magalhães e Paulo Barbosa da Silva, Mordomo da Casa Imperial. Voltando à mesma fonte, “foi na própria Academia que Porto Alegre encontrou aquele que mudaria sua vida para sempre: o pintor da corte e professor Jean-Baptiste Debret”.² Quando retorna a Paris, em 1831, Debret leva consigo Porto Alegre, que permanece na Europa até 1837. O êxito de sua permanência e de seus estudos no Velho Continente, bem como sua proximidade e identidade artística com o mestre, além dos valiosos contatos pessoais no Rio de Janeiro, valeram-lhe o lugar de professor de Pintura Histórica na Academia carioca, no mesmo ano de seu retorno. Em vários trechos da correspondência de Debret podemos ler referências explícitas ao desejo do velho professor de ver Porto Alegre tornar-se seu “sucessor” no campo artístico brasileiro. O primeiro passo nesse sentido era, justamente, ocupar o cargo do qual fora responsável na Academia brasileira: a cadeira de Pintura Histórica. Deste lugar, Debret imaginava para seu *querido amigo e sucessor*, uma trajetória de sucessos e reconhecimentos, pautados na qualidade dos trabalhos para os quais Porto Alegre ter-se-ia capacitado durante sua aprendizagem na AIBA e em sua estada européia. Na primeira das cartas do

1 SQUEFF, Letícia. Esquecida no fundo de um armário: a triste história da *Coroação de D. Pedro II*. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 39, p. 105-127, 2007, p.109.

2 *Ibidem*.

conjunto aqui analisado, datada de 28 de outubro de 1837, o mestre francês declara ter tomado conhecimento da nomeação de Porto Alegre e manifesta seu contentamento, associando a conquista do discípulo diretamente aos seus projetos:

devo-lhe o auge da felicidade que nos prometia nossa expedição artística no Rio de Janeiro. [Complementando] a felicidade que coroa as lembranças de minha estada no Brasil com o consolador resultado de contar, por sucessor imediato, com um artista brasileiro tornado, com justiça, professor da classe que fundou como aluno destacado; e à qual, após seis anos de ausência, ele traz o precioso socorro de uma teoria européia adquirida com tanta rapidez, zelo e juízo.³

Debret mostra-se também confiante em sua capacidade de dar continuidade ao ensino por ele iniciado na Academia, baseado nos princípios do realismo neoclássico. Assinala, nesta mesma carta: “a você está reservado, agora, imprimir na sua Escola este selo de verdade, já notável em suas primeiras produções.” Ao escrever para o discípulo alguns anos mais tarde, em dezembro de 1840, Debret reafirma o papel determinante de Porto Alegre para a história da Academia brasileira, “cujo chefe (hoje, o primeiro nascido deste estabelecimento), mostra-se tão digno, por sua habilidade, de dirigir os trabalhos da Segunda Escola verdadeiramente brasileira, que deve ser reconhecida por seus compatriotas aquela de Araújo Porto Alegre.”⁴ O velho professor parecia querer ignorar, com estas palavras, a direção de Felix Émile Taunay na Academia...

Para além de sua atuação na área do ensino artístico, de Porto Alegre Debret parecia também esperar uma contribuição no campo da história da arte. Porto Alegre parece corresponder à expectativa do mestre, redigindo sua “Memória sobre a antiga Escola de Pintura Fluminense”, em 1842. Na carta enviada de Paris, em 7 de junho deste ano, Debret felicita-o e declara: “você percebe que sua *Memória sobre a antiga Escola de Pintura Fluminense* possui um duplo e muito precioso interesse para meu projeto.”⁵ Referia-se, como

³ Correspondência de Jean-Baptiste Debret a Manuel de Araújo Porto Alegre, 28 de outubro de 1837. (BNRJ, Divisão de Manuscritos)

⁴ Idem, 10 dezembro de 1840.

⁵ Idem, 07 de junho de 1842.

veremos, ao desejo de ver Porto Alegre tornar-se membro do Instituto francês e à continuidade de seus próprios esforços enquanto “historiógrafo do Brasil”.

De 1831 a 1839, Debret ocupou-se da organização e publicação dos três volumes de sua *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. No momento em que inicia a correspondência com Porto Alegre, já havia publicado os dois primeiros volumes e organizava o terceiro, do qual faria parte o célebre “Resumo da História da Literatura, das Ciências e das Artes do Brasil”, elaborado a partir de documentos produzidos pelo já citado Gonçalves de Magalhães, por Francisco Torres Homem e pelo próprio Porto Alegre. Firmando os vínculos entre estes brasileiros e as instituições artísticas francesas, estratégia de Debret para manter unidos os destinos artísticos de Brasil e França, o autor assim introduz o mencionado Resumo: “entre os estrangeiros que o amor ao estudo trouxe à França e que freqüentam os bancos do Instituto Histórico, três jovens brasileiros, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Francisco de Sales Torres Homem e Araújo Porto Alegre, pagaram sua recepção com curiosos detalhes acerca da história da literatura, das ciências e das artes de sua pátria.”⁶ Através da correspondência percebe-se que Debret, sobretudo a partir da publicação do terceiro volume de sua obra, procura consolidar os laços institucionais entre os dois países, através de seus respectivos Institutos, contando com a atuação competente de seu discípulo e sucessor.

Por um lado, vale-se de seus conhecidos brasileiros para a elaboração dos relatórios que deveria apresentar como cumprimento de suas obrigações enquanto membro do Instituto francês. Na carta de 10 de dezembro de 1840, confessa: “sua carta e os dois jornais que teve o desvelo de me enviar adquirem para mim uma utilidade perfeita, pois eu farei deles a base de um relatório anunciado como a continuação de meus três primeiros volumes (...).”⁷ As obrigações de Debret como membro correspondente preenchiam, de resto, o desejo por ele manifestado na carta de outubro de 1837, de tornar-se “o historiógrafo do Brasil”, responsável pela elaboração e divulgação de uma “biografia nacional” capaz de reverter uma tendência até então predominante entre os estrangeiros, “atraídos, até este momento, apenas pela riqueza da história natural ou pela bizarrice dos ornamentos dos selvagens do Brasil”.⁸ A

⁶ DEBRET, J.-B. **Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil**. Vol. 3. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1989, p. 97.

⁷ Correspondência de Jean-Baptiste Debret a Manuel de Araújo Porto Alegre, 10 de dezembro de 1840. (BNRJ, Divisão de Manuscritos)

⁸ *Ibidem*, 28 de outubro de 1837.

pesquisa histórica, por ele reconhecida como instrumento capaz de produzir a complexa passagem da natureza à cultura e, conseqüentemente, à civilização, deveria ser estimulada por Porto Alegre entre seus discípulos na AIBA, aumentando a rede daqueles que haveriam de prolongar o legado da expedição artística de 1816.

Por outro lado, no bojo dos esforços empreendidos no sentido de manter unidas as trajetórias brasileira e francesa, Debret afirma que o nome de Porto Alegre, já impresso nas páginas do terceiro volume da VPHB, significava a projeção de sua figura no meio francês. Em dezembro de 1840, escreve ao discípulo:

“Você vê então, caro amigo, que nossas existências tornam-se íntimas na história das belas artes na França, pois seu nome, tão acertadamente consignado em meu terceiro volume, já está em posição de constituir seu primeiro antecedente. Este glorioso início, fixado assim para sempre na biblioteca do Instituto de França como conseqüência da expedição artística de 1816, oferecerá doravante um duplo interesse nacional pelo sucesso da Academia de Belas Artes brasileira (...).”⁹

Na esperança de ver Porto Alegre assumir, progressivamente, todos os lugares por ele anteriormente ocupados, especialmente a cadeira de Pintura Histórica na AIBA e o lugar de membro correspondente do Brasil no *Institut de France*, Debret investe firmemente na concretização dos passos necessários à sua nomeação, valendo-se de alterações nos estatutos da instituição francesa. Manifesta, na mesma carta acima citada, seu extremo contentamento:

“Resta-me, portanto, em Paris, a possibilidade de manter uma correspondência ativa por vosso intermédio e, em seguida, de vos apresentar como meu sucessor no Brasil, assumindo voluntariamente o título de honorário no momento decisivo, a maior de todas as minhas felicidades! Aquela de ter concedido a meu hábil sucessor e amigo todos os títulos que me honravam no Brasil.”¹⁰

Nas orientações que faz a Porto Alegre, o velho professor insiste na importância de, ao solicitar sua inscrição para concorrer ao lugar desejado no *Institut de France*, elencar suas “produções pitorescas”, seus títulos e, sobretudo, mencionar “a glória de ser filho da expedição artística de 1816”.¹¹

⁹ Ibidem.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ Ibidem.

Os temas tratados ao longo das onze missivas de Debret parecem, de fato, girar em torno das intenções exploradas anteriormente: seu desejo de afirmar-se como “historiógrafo do Brasil” e os esforços envidados no sentido de obter a nomeação de Porto Alegre como membro correspondente do Instituto francês. A maioria dos assuntos abordados refere-se, direta ou indiretamente, a estes projetos. Desta forma, Debret comenta orgulhosamente as conquistas do discípulo no âmbito das artes na Corte carioca. Em outubro de 1839, menciona os trabalhos de pintura em elaboração na sala do Teatro Imperial, destacando que “o senhor Cônsul do Brasil me informou do excelente efeito que elas já produziam no espírito público. Ânimo, meu caro Araújo!”¹²

Considerando a complexidade das relações no interior do campo artístico brasileiro naquele período¹³, é na carta datada de 10 de dezembro de 1840, que Debret, ao mencionar a nomeação de Porto Alegre como pintor da Imperial Câmara, sugere o clima dos embates que caracterizavam aquele campo. Refere-se ao “monstro da inveja, em toda a sua fúria”, incapaz, porém, de conter um “homem de talento, de coração, de Espírito, de Pureza e de Alma, base inabalável do verdadeiro sucesso (...)”¹⁴

O mestre francês demonstra, nessa correspondência, acompanhar todas as atividades e passos do dileto discípulo no âmbito da Academia e da Corte. Assim, Em algumas passagens, faz menção às funções de Porto Alegre como encarregado das celebrações de Sagração e Coroação de D. Pedro II, bem como à execução do quadro da Coroação. No final da longa carta que escreve em dezembro de 1840, Debret já aconselha ao amigo: “empenhe todos os esforços na execução do quadro da Sagração de D. Pedro II e seu sucesso será a mais bela floração de minha Coroa!”¹⁵ Meio ano depois, em 17 de julho de 1841, certamente referindo-se aos trabalhos relacionados à posse do Imperador, demonstra todo o apoio ao empenho de Porto Alegre:

ainda ontem nos alegamos de antemão com o Sr. Cônsul da Rocha, pelo brilhante resultado de suas honoráveis fadigas e de seus sucessos; agora menos

¹² Correspondência de Jean-Baptiste Debret a Manuel de Araújo Porto Alegre, 19 de outubro de 1839. (BNRJ, Divisão de Manuscritos)

¹³ Cf. SQUEFF, Letícia. **O Brasil nas letras de um pintor: Manuel de Araújo Porto-Alegre (1806-1879)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

¹⁴ Correspondência de Jean-Baptiste Debret a Manuel de Araújo Porto Alegre, 10 de dezembro de 1840. (BNRJ, Divisão de Manuscritos)

¹⁵ *Ibidem*

pressionado, que você possa, durante alguns intervalos de repouso, pensar na sinceridade dos votos que fazem seus amigos de Paris pela continuação de sua boa saúde e de seus grandes trabalhos. Mil vezes BRAVO! O prazer de uma feliz conquista ultrapassa sempre de muito as penas passageiras, sejam elas de que natureza forem.¹⁶

Se grande parte da documentação analisada contempla questões ligadas à trajetória artística e profissional de Araújo Porto Alegre, a correspondência igualmente revela aspectos pouco explorados da carreira de Debret após seu retorno para a França, nomeadamente, seu envolvimento com os trabalhos de restauração da abadia de Saint-Denis.¹⁷ Em junho de 1840, portanto após ter concluído a publicação dos três volumes de sua *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*, Debret declara estar ocupado “com o desenho de cartões coloridos de uma série bastante longa de vitrais para Saint Denis”¹⁸, atividade à qual voltaria a se referir em carta datada de 6 de maio de 1841. Reconhece a importância de seu irmão, o arquiteto François Debret, bem como dos contatos pessoais por ele arranjados, para o seu envolvimento nesta tarefa que, de resto, aliviava, ainda que parcialmente, as dificuldades financeiras em que vivia. Este aspecto está também contemplado em várias das cartas enviadas a Porto Alegre, a quem Debret institui como uma espécie de procurador, solicitando, por diversas vezes, que consiga resolver pendências com o governo brasileiro relativas ao pagamento de sua pensão e de alguns trabalhos executados para a Corte.

Pelos aspectos acima indicados, ainda que não cubram toda a gama de temas abordados no conjunto epistolar analisado, nota-se que a atuação de Debret no meio artístico brasileiro não cessa, como visto, com seu retorno à França, em 1831. Pelo contrário, seus vínculos institucionais e pessoais, com destaque para os laços que continuaram a uni-lo a seu ex-aluno e sucessor Porto Alegre, garantem ao pintor e professor da AIBA uma permanência e ingerência nos assuntos acadêmicos e artísticos que merecem, ainda, um estudo mais aprofundado. A intenção deste trabalho foi apresentar, de forma

¹⁶Correspondência de Jean-Baptiste Debret a Manuel de Araújo Porto Alegre, 17 de julho de 1841. (BNRJ, Divisão de Manuscritos)

¹⁷Tratei deste tema em minha tese de doutorado, publicada com o título **J.-B. Debret, historiador e pintor. A Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil (1816-1839)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007, pp. 113-9.

¹⁸Correspondência de Jean-Baptiste Debret a Manuel de Araújo Porto Alegre, 10 de junho de 1840. (BNRJ, Divisão de Manuscritos)

introdutória, esta correspondência e sugerir alguns percursos dos estudos que ainda possam vir a ser desenvolvidos neste campo.¹⁹

¹⁹ Elaboro, neste momento, uma tradução destas cartas, para futura publicação comentada.